REVISTA

DIAKONIA

"Servindo a quem foi chamado a servir"

O Consolo do Pacto

Abraçando as promessas
Cornelis Pronk

O Batismo e o Pacto
Clarence Bouwman

Uma Aliança para Gerações
Eric Kampen

O Reavivamento do Pacto
Rob A. Schouten

Um projeto Instituto João Calvino

Edição 12ª | Janeiro/Fevereiro

www.revistadiakonia.org

REVISTA DIAKONIA

"Servindo a quem foi chamado a servir"

Editor: Jim Witteveen, Jonathan Chase

Tradução: Arielle Pedrosa

Revisão: Saulo Melo

Projeto Gráfico: Saulo Melo

Diagramação: Saulo Melo

Website: Saulo Melo

Imagem da capa: Freepik.com

Imagens: Pexels.com, Unsplash.com, Gustave Doré

contato@revistadiakonia.org

INSTITUTO JOÃO CALVINO

O Instituto João Calvino é o seminário oficial das Igrejas Reformadas do Brasil. O IJC oferece o curso teológico completo para homens que buscam a ordenação como Ministros da Palavra. Localizado na Rua José Veríssimo nº 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.

Acesse o site: *www.institutojoaocalvino.org.*

Acesse as edições anteriores em *revistadiakonia.org/edicoes*. Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site. *www.revistadiakonia.org*

A revista Diakonia é uma publicação bimestral do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

Copyright 2024 - Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

Sumário

Editorial
Jon Chase
03

Abraçandos as Promessas
Cornelis Pronk
07

O Batismo e o Pacto
Clarence Bouwman
16

Uma Aliança para Gerações
Eric Kampen
25

O Reavivamento do Pacto
Rob A. Schouten
30

Acesse as edições anteriores em *revistadiakonia.org/edicoes*. Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site. *www.revistadiakonia.org.*

Jonathan Chase é pastor missionário enviado pelas Igrejas Reformadas do Canadá para servir no Brasil. É diretor e professor do Instituto João Calvino.

Editorial

A re-descoberta de uma teologia da aliança foi um dos mais ricos frutos da Grande Reforma Protestante. Reformadores como Martin Bucer em Estrasburgo e João Ecolampádio em Basel demonstraram com grande erudição como este padrão recorre repetidas vezes ao longo das Escrituras, desde Gênesis até Apocalipse, e como Deus sempre se relacionou com Seu povo por meio de alianças, sempre acompanhadas com sinais visíveis que deram testemunho perpétuo das promessas de Deus. A teologia da aliança deu aos reformadores uma nova estrutura para entender os sacramentos: não como ritos que transmitem uma graça divina automaticamente (ex opere operato) mas como sinais e selos das promessas pactuais que Deus fez para Seu povo. A teologia da aliança forneceu a estrutura para os demais elementos da liturgia também, uma vez que foi reconhecido que o culto da igreja é, em sua essência, um encontro solene da aliança entre Deus e Sua Igreja. A teologia da aliança também forneceu a terminologia para entender a relação entre os Antigo e Novo Testamentos da Bíblia, como visto na bela explicação destes na CFW VII.5-6. Isto por sua vez estimulou uma reforma na pregação de *Tota Scriptura*.

Mas temos que reconhecer que este rico fruto da Grande Reforma nem sempre foi valorizado nos séculos depois da Grande Reforma. A doutrina da eleição às vezes recebeu tanto ênfase que ela ofuscou e obscureceu a preciosa doutrina da aliança. A relação íntima entre estas duas doutrinas bíblicas também nem sempre foi compreendida claramente. Às vezes o Pacto da Graça foi confundido com o Pacto da Redenção, de tal forma que a Nova Aliança, consistindo somente dos eleitos, se tornou algo invisível e perdeu seu caráter objetivo. Na Holanda, na virada do século XX e sob a grande influência de Abraão Kuyper, foi afirmado que a Nova Aliança é feita somente com os eleitos. Uma consequência desta afirmação era que o Batismo Infantil não poderia ser baseado na membresia da criança na aliança, sendo algo incognoscível; então foi sugerido que é feita apenas na presunção da regeneração do bebê. A imposição desta opinião levou à chamada "libertação" em 1944 de muitas igrejas que desejavam uma volta para a doutrina da aliança ensinada nas confissões. Reconhecendo a natureza objetiva e visível da aliança de Deus, e o valor de tal aliança para o conforto dos Cristãos, elas lutaram para restabelecer a distinção importante entre as preciosas doutrinas da eleição e da aliança. Hoje em dia, o surgimento do debate sobre a "Visão Federal" demonstra a importância de defender a integridade das duas doutrinas bíblicas sem sacrificar nem uma nem a outra.

Qual, então, o valor desta doutrina, e quais suas implicações práticas? Eu me lembro conversando uma vez com um amigo meu que se chamava Reformado Batista, e estávamos falando sobre a disciplina dos nossos filhos. Expliquei que em nossa casa, depois que o filho é disciplinado, sempre a gente senta com o nosso filho e ora; e depois eu o asseguro que ele está perdoado por mim e por Deus. Meu amigo ficou perplexo: "como você pode dizer pra ele que está perdoado por Deus, sem saber se ele é eleito?" Eis a preciosa doutrina da aliança! Deus se relaciona com Seu povo apenas por meios invisíveis e (muito menos!) incognoscíveis, mas nos trata dentro do contexto visível e objetivo de Sua Aliança. O nosso batismo declara que pertencemos a Ele e que somos herdeiros de todas as promessas em Cristo, de tal forma que o apóstolo Pedro pode até dizer que o "Batismo vos salva." Não porque o rito em si confere

a salvação por algum meio misterioso, mas porque o batismo nos coloca no lugar da salvação, que é a aliança: o lugar seguro onde — se ali continuarmos — podemos ter certeza da nossa salvação. Ele também compara o batismo com a arca de Noé. Os filhos de Noé, estando ali na arca, já poderiam louvar a Deus por ter sido salvos das águas, mesmo que a arca ainda não tivesse pousado em terra firme.

Mas então, alguém vai perguntar, você está dizendo que a membresia na aliança já é garantia da salvação eterna? Não, é claro que é possível alguém quebrar a aliança, e assim pular da arca para as águas. Neste sentido, você poderia até dizer que ele "perdeu a sua salvação." Não é isso que declaramos nos tristes momentos de excomunhão? Sabemos bem que quem Deus verdadeiramente regenera, ele nunca perde esta "semente imperecível" colocado no seu coração. Da mesma forma, nada pode quebrar o decreto eterno da eleição. Mas nós não vivemos no mundo das coisas invisíveis, nem na eternidade passada distante, mas nesta terra, para qual Deus nos deu os perímetros objetivos de Sua Aliança para julgar quem é salvo e quem não é.

Mas se não garante a salvação final, qual o valor desta "aliança"? Para citar o Apóstolo Paulo, "muito, sob todos os aspectos." Vamos usar uma analogia de uma outra aliança que conhecemos bem: a do casamento. Vamos supor que tenha um marido que durante muitos anos nunca amou sua esposa. Depois, ele resolve abandonar sua esposa de vez. Será que nós diríamos, "tudo bem, ele não perdeu nada, porque nunca possuía de fato?" Claro que não! Embora ele não possuía o amor interno e espiritual que propriamente pertence ao casamento, e sem a qual é inútil, o fato permanece que ele estava verdadeiramente casado com ela. Perdeu muito! Mesmo que, sem amor, aquele casamento fosse vazio e não valeria de nada no final das contas, nós não devemos por isso desprezar a realidade objetiva e legítima do casamento. Por outro lado, se este marido for se arrepender durante estes muitos anos, e a situação ainda não levou a um divórcio, então ele teria um grande consolo: "você ainda é o marido dela, mesmo que você não mereça. Volte a sua esposa enquanto ainda é sua esposa." Da mesma forma, o filho de Deus, adotado pelo Pai e pertencente a Cristo, pode achar na aliança um refúgio contra o

desespero e um motivo urgente para voltar para seu Pai e começar a viver na verdadeira fé.

A natureza objetiva e oficial de uma aliança serve para proteger e promover a realidade invisível e espiritual que propriamente pertence a ela. Por outro lado, a realidade invisível e espiritual em si mesmo ainda não é uma aliança, sem ser selado oficial e objetivamente. Quantos casais hoje em dia se consideram casados "nos olhos de Deus," mesmo não sendo casados de fato? E quantos visitantes ou congregados se considerem seguros, frequentando os cultos da igreja por muitos anos, sem nunca se tornar parte do corpo de Cristo? Biblicamente temos que reconhecer que até a hora que estejam batizados e membros da igreja local não podem dizer em nenhum sentido válido que pertencem a Cristo. Não podem ser considerados cristãos. Existe os casos excepcionais como o ladrão da cruz, sim, existe. Mas Cristo deu à igreja o poder de fechar e abrir o reino dos céus. Por isso a confissão sóbria da antiguidade: *extra Ecclesiam nulla salus*.

A doutrina da aliança é um grande consolo para o cristão que sofre de dúvida sobre sua eleição. A promessa sincera de Cristo, dada a ele no batismo e repetida na Santa Ceia, é que ele pertence de corpo e alma a seu Salvador. É também uma ferramenta indispensável para o ministério pastoral. É justamente isso que queremos enfatizar nesta edição da Revista Diakonia. Nesta edição, Pr. Cornelis Pronk fala sobre o valor objetivo das promessas que recebemos na aliança. Em seguida, Pr. Clarence Bouwman fala sobre a relação bíblica entre batismo e a aliança. Pr. Eric Kampen coloca esta teologia na prática, mostrando como as promessas de Deus para as "gerações" produzem, pelo uso dos meios ordinários a operação do Espírito Santo, o fruto da "regeneração". Finalmente, Pr. Rob Schouten traz uma reflexão sobre os diversos momentos de "renovação da aliança" que são descritos nas Escrituras, e a relevância deste tema para a igreja de hoje—inclusive as igrejas reformadas. Creio que esta edição será uma benção para todos os leitores, e oro para que os oficiais especialmente possam aplicar estas verdades com toda sabedoria no seu ministério pastoral.

Abraçando as Promessas

por ***Cornelis Pronk***

Uma das palavras mais importantes da Bíblia é a palavra “promessa”. Na verdade, é quase possível afirmar que a mensagem da Bíblia talvez fosse bem resumida nesta única palavra. Nas Escrituras, Deus se revela como Aquele que promete salvação em Jesus Cristo, Seu Filho.

É impossível enfatizar demais o papel que esta promessa de salvação desempenha na vida e na experiência dos crentes. Tudo isso teve início já no paraíso, quando Deus foi até os nossos primeiros pais com uma promessa depois que eles pecaram. Embora pudessem esperar palavras de condenação e julgamento, Adão e Eva foram surpreendidos por estas palavras que significavam ‘esperança’: ‘Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.’ (Gênesis

3:15). Embora dirigidas à serpente, essas palavras foram proferidas para o conforto de Adão e Eva. Daquela forma, o Senhor foi até eles em graça, prometendo libertação do poder de Satanás, por meio da Semente da mulher.

Desde os seus primeiros tempos, a Igreja considerou esta passagem, Gênesis 3:15, como a 'promessa-mãe' e, portanto, a fonte de todas as outras promessas de salvação reveladas por Deus de maneira progressiva ao longo das Escrituras.

Também podemos chamar esta promessa-mãe de a primeira promessa do pacto da graça. A princípio, Deus estabeleceu este pacto com Adão após a queda e, mais tarde, Ele o estabeleceu de maneira mais formal com Abraão, quando prometeu: 'Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência.' (Gênesis 17:7)

No Sinai, o Senhor repetiu esta mesma promessa a Israel como nação e, por meio dela, Israel tornou-se Seu povo especial, que vivia com Jeová numa relação pactual especial. Essa relação ainda existe e está em vigor onde quer que a Igreja de Cristo se encontre na terra. Onde quer que pecadores estejam sendo salvos e crentes estejam vivendo em obediência à Palavra de Deus - aí está o pacto, quer isto seja entendido claramente ou não. Veja, não há salvação fora do pacto da graça. Todo pecador que chega à fé e ao arrependimento o faz apenas como resultado daquilo que Deus prometeu primeiro a Adão e, mais tarde, a Abraão e a seus descendentes depois dele. A salvação sempre envolve a fé nestas promessas, e a vida do cristão é também uma vida de fé nessas promessas.

Para sermos salvos é necessário que abracemos as promessas do evangelho. Adão fez isso, e sua fé é manifesta no momento em que ele dá à sua esposa o nome de Eva, "mãe dos viventes". Abraão também acreditou na promessa de Deus a respeito de Seu grande descendente, Jesus Cristo.

A respeito de todos os patriarcas, lemos que eles abraçaram as promessas. O que significa esta expressão "abraçar as promessas"? Leiamos a passagem onde ocorre esta expressão, em Hebreus 11:13. Referindo-se aos santos mencionados anteriormente neste capítulo,

mas especialmente a Abraão, Isaque, Jacó e Sara, o apóstolo diz:

"Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra." "Todos estes morreram na fé". A fé em vista aqui é definida no v.1, onde o apóstolo diz:

'Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem'.

Quais coisas os patriarcas esperavam e quais eram os fatos invisíveis que ocupavam as suas mentes e corações? A terra de Canaã como sua herança, e outras bênçãos relacionadas com a vinda do grande descendente de Abraão, em quem todas as nações da terra seriam abençoadas.

Ora, o apóstolo nos diz aqui que todos esses patriarcas morreram na fé, isto é, como pessoas que acreditavam e confiavam naquelas promessas antes mesmo de terem recebido as coisas prometidas, antes de tomarem posse de Canaã e antes de Cristo nascer. No entanto, houve um sentido em que eles desfrutaram das bênçãos prometidas. Eles tiveram comunhão com Deus como seu Deus do Pacto. Eles viveram em Canaã, que para eles era um símbolo do céu. Em Isaque eles viram a vinda do Messias. Eles viram essas bênçãos de longe, à distância. 'Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se', disse Jesus (João 8:56). Quando? Estando junto ao berço de seu filho Isaque, o filho da promessa, Abraão viu algo da glória de Cristo. Da mesma forma, Jacó viu a glória de Siló e Jó soube que seu Redentor vivia.

Estes santos do Antigo Testamento viveram pela fé e pela esperança (Romanos 8:24). Através dos binóculos da fé, objetos que estavam distantes foram trazidos para muito perto deles, e eles ficaram tão felizes no Senhor quanto os crentes do Novo Testamento, sobre os quais Pedro escreveu que, embora não tivessem visto Jesus com os olhos físicos, amavam-no e regozijavam-se Nele com alegria indescritível e cheia de glória (1 Pedro 1:8). Portanto, não há muita diferença entre os crentes do Antigo e do Novo Testamento no que diz respeito ao desfrute das bênçãos prometidas. Não foram apenas os patriarcas e outros santos do Antigo Testamento que tiveram de viver pela fé e pela esperança. Também para nós a vida de fé consiste em agarrar-se às

coisas prometidas antes que a posse real delas seja obtida, e desfrutar delas. Nós também vivemos e morremos na esperança da vida eterna, tal como eles fizeram.

É verdade, existe uma diferença: Cristo veio. Belém e o Calvário estão atrás de nós. A Ressurreição e a Ascensão aconteceram. O Espírito foi derramado no Pentecostes. Vivemos na plenitude dos tempos. No entanto, mesmo para os crentes de hoje, ainda há muito o que esperar. Nem todas as promessas de Deus foram cumpridas. Ainda aguardamos o segundo Advento de Cristo. Ainda esperamos um novo céu e uma nova terra (2 Pedro 3:13), e ansiamos por um corpo glorificado enquanto gememos neste tabernáculo (Romanos 8:23; 2 Coríntios 5:2). A libertação do pecado e da imperfeição, a libertação do corpo da morte, da inimizade do mundo, das artimanhas de Satanás e dos conflitos na igreja são todas bênçãos futuras. Tudo isso é nosso por meio da promessa, mas ainda não temos posse real. Ainda aguardamos, ainda esperamos. Ansiamos pela plenitude dos tempos. Os patriarcas permaneceram firmes no início, nós devemos permanecer no fim dos tempos. Mas o caminho da salvação é o mesmo para todos; todos nós vivemos pela fé e pela esperança.

Isto nem sempre é entendido com clareza. Muitas pessoas pensam que os crentes do Novo Testamento têm uma vida espiritual muito mais rica do que os santos dos tempos do Antigo Testamento porque possuímos a revelação completa de Deus em Cristo. Mas isso não é necessariamente verdade. Objetivamente, de fato, nós sabemos mais. Mas será que, por essa razão, nós também experimentamos mais o amor de Deus e temos mais certeza da salvação? Eu não penso assim. Se isso fosse verdade, como poderia Abraão ser apresentado nas Escrituras como um exemplo para os crentes? Ele é chamado de pai de todos os que creem. Isso implica que havia algo em sua fé que deveria inspirar a todos nós. O que havia de tão especial na fé deste santo do Antigo Testamento? Seu apego às promessas de Deus. A vida de Abraão foi uma vida de fé naquilo que Deus lhe havia prometido. E é isso que também caracteriza a nossa vida espiritual, ou pelo menos deveria. O povo de Deus hoje ainda vive com base nas promessas de Deus em Cristo. Isto é verdade tanto para os iniciantes na graça quanto para os crentes mais avançados.

Neste contexto, quero apontar outro erro que às vezes se encontra entre nós. É a ideia de que viver com base nas promessas é algo para iniciantes. Eles enxergam alguma esperança nesta ou naquela promessa e imploram a Deus que cumpra a Sua Palavra neles. Mas aqueles que são conduzidos por Deus a lugares mais profundos ultrapassam esse estágio. Eles vivem muito mais de promessas cumpridas; eles possuem as coisas prometidas: Cristo e Seus benefícios, acesso ao Pai através do Filho e por meio do Espírito, etc. Eles são proprietários abençoados das promessas, enquanto aqueles pequenos ainda estão esperando e aguardando o que o Senhor promete em Sua Palavra.

Eu chamo isso de erro grave. As Escrituras ensinam claramente que o cristão convicto também vive com base nas promessas ou por elas. O único fundamento de sua confiança não consiste naquilo que possui, mas naquilo que Deus promete em Sua Palavra. Toda a Igreja, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e também toda a Igreja, tanto pequenos quanto grandes, tanto crentes iniciantes quanto os mais avançados, vivem, ou deveriam viver, pelas promessas. Todos eles obtêm ajuda, conforto, força e esperança através do que Deus prometeu em Seu santo Evangelho.

É precisamente por isso que Abraão pode ser o nosso exemplo. Se você quer saber o que é a fé e o que o povo de Deus experimenta na vida de fé, estude a vida de Abraão e a dos outros patriarcas. As promessas eram caras para eles. 'Vendo-as, porém, de longe', foram persuadidos delas, ou seja, ficaram convencidos da fidedignidade do Deus que fez estas promessas. Eles sabiam que Ele seria fiel à sua Palavra. E então eles abraçaram tais promessas. Eles as viram 'de longe, foram persuadidos delas e abraçaram-nas' (Hebreus 11:13). Literalmente, o texto diz que eles as acolheram ou receberam essas boas novas de todo o coração. Esses patriarcas estenderam as mãos para a salvação prometida. Como Jacó disse em seu leito de morte: 'A tua salvação espero, ó Senhor!' (Gênesis 49:18). Ele acolheu o Siló vindouro, o Salvador.

Isto pressupõe um acolhimento prévio da parte de Deus. Pois foi Ele quem, em Cristo, veio a esses patriarcas, prometendo-lhes a salvação e todas as outras bênçãos.

Este Deus vem também a nós, em Cristo, com as mesmas promessas: perdão dos pecados, vida eterna, comunhão com Deus, etc. A nós, que somos a Igreja do Novo Testamento, vem o mesmo Deus e o mesmo Cristo e o mesmo evangelho. Mas será que abraçamos essas promessas? O que significa abraçar as promessas? Significa acreditar nelas e depositar nelas toda a nossa confiança. Significa receber o Cristo oferecido aos pecadores nessas promessas como o único Salvador e Redentor dado e enviado por Deus.

É uma coisa triste que para muitos de nós as promessas do evangelho sejam indiferentes. Elas não nos entusiasmam. Muitos escutam as pregações todos os domingos sem serem minimamente afetados por elas. Tais pessoas permanecem frias como água gelada sob os convites mais doces e as ofertas mais generosas.

Como explicamos isto? Alguns diriam simplesmente: "aqueles que não demonstram interesse são réprobos, obviamente. Como Esaú, eles desprezam as coisas de Deus. Eles preferem as coisas do mundo e os prazeres do pecado". É preciso admitir que existem pessoas assim em nossas congregações. Se são réprobos, só Deus sabe. Mas é certo que não são pessoas convertidas. Portanto, eles têm que ser seriamente advertidos, tanto por meio da pregação como pelo contato pastoral privado.

Muitas pessoas nas nossas congregações, embora não sejam cristãs, parecem estar interessadas na igreja. Frequentam regularmente, participam em muitas atividades, contribuem financeiramente (por vezes de forma generosa), e ainda assim há pouca ou nenhuma evidência de vida espiritual. Quando confrontados com as reivindicações de Cristo, a necessidade de fé e arrependimento, etc., eles se lembram de que são incapazes de cumprir essas exigências e de que a salvação é obra do Senhor. E quando pressionados a abraçar a Cristo tal como Ele é oferecido gratuitamente aos pecadores no evangelho, ou pelo menos a reconhecer a verdade de Suas promessas, eles evidenciam ter dúvidas de que tais promessas se destinam também a eles.

É incrível que em igrejas sólidas isso ainda seja uma dúvida para muitos. Os ministros deixam claro repetidas vezes pela pregação, e em conversas privadas, que as promessas do pacto da graça são dirigidas a todos os que

pertencem à Igreja visível (Atos 2:39). Ainda assim, há incertezas entre nós. Há até confusão entre muitas pessoas mais velhas que já deveriam estar bem fundamentadas na fé. Ainda podemos inclusive encontrar pessoas que não ousam acreditar que as promessas são para elas. Elas se acham muito pecadoras, muito indignas disso. Tais pessoas pensam que as promessas são apenas para quem já se sente povo de Deus. E, assim, a menos que lhes seja primeiro esclarecido que as promessas pertencem a todos os eleitos de Deus, elas não ousarão se apropriar de nenhuma delas. Pois elas temem que fazer isso seria uma presunção que resultaria em autoengano.

Mas essas pessoas, muitas vezes sérias, não enxergam que Deus pede, e mais do que isso, que Ele exige, de nós fé em Suas promessas - e uma dessas promessas é que Ele operará fé e arrependimento em nossos corações se humildemente lhe pedirmos essas graças. É verdade, de fato, e as Escrituras ensinam claramente, que para que um pecador acolha as promessas ele precisa de um novo coração. Ele deve receber poder do alto, pois como Jesus disse: 'Ninguém pode vir a mim se o Pai não o trouxer' (João 6:44). No entanto, embora seja verdade que só podemos vir a Cristo e acolhe-Lo pelas promessas se primeiro recebermos esse poder de Deus, não precisamos primeiro sentir este poder trabalhando em nós antes de podermos ir a Cristo.

Deixe-me explicar o que quero dizer com a ajuda de Ralph Erskine. Poucos pregadores tiveram uma visão mais clara da fé e das suas dificuldades do que aqueles grandes servos de Cristo, Ralph Erskine e seu irmão Ebenezer Erskine. Ele frequentemente se referia às promessas como estando gestantes das bênçãos da salvação. 'Onde as promessas do evangelho forem fielmente apresentadas', dizia ele, 'ali nascerá a fé. E não apenas fé, mas também arrependimento e todas as graças que um pecador precisa para a salvação'.

O que acontece quando um pecador é salvo? O Espírito o convence do pecado, tornando-o consciente de sua grande necessidade de um Salvador. Tudo isso é obra de Cristo. Ele usa a lei para expor o pecado e para conduzir o pecador para fora de si mesmo, de modo que ele abandone toda esperança de se salvar e comece a buscar a salvação no Senhor. Cristo então abre os olhos do pecador para a provisão de Deus para a salvação

de pecadores, por meio de Seu Filho. O pecador convicto agora começa a orar. Ele começa a pleitear as promessas, por exemplo, esta, onde Jesus diz: 'aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora'. Ou, 'aquele que crê em mim tem a vida eterna'. O pecador tenta agarrar-se a estas e outras promessas e abraçá-las e, ao fazê-lo, a esperança nasce em seu coração. Uma medida de paz é experimentada. Ele pode acreditar que o Senhor será misericordioso com ele.

Ora, tudo isso pressupõe o poder de Cristo ou do Pai e do Espírito em atrair os pecadores. Mas – e este é o argumento de Erskine – o pecador não precisa estar ciente desta obra preveniente do Espírito antes de poder fugir para Cristo. O que traz um pecador a Cristo é a sua necessidade de Cristo, a convicção de que "*sou um pecador e só Cristo pode salvar-me*".

É aqui que muitos têm problemas. "Tenho conhecimento suficiente do pecado?" "Estou suficientemente humilhado?" "Tenho experimentado a obra do Espírito Santo?" "Se eu tivesse certeza de que o Espírito está operando em mim, então poderia acreditar que as promessas são para mim", etc. Em outras palavras, eles fazem da experiência a base ou garantia para vir a Cristo, enquanto a única base ou garantia é o chamado e o convite do evangelho. Isso é tudo com que você precisa se preocupar. Cristo me chama, me convida a ir até ele? Se assim for, posso ir, não importa quão miserável eu possa me sentir ou quão carente de qualificações eu seja. Junto a Pedro, posso pisar sobre o mar e dizer, com efeito: '*Atendendo à Tua Palavra, Senhor, eu venho. Nas ondas e na tempestade, Senhor Jesus, eu venho*'.

A mulher com fluxo de sangue só pôde ir a Cristo como resultado de uma influência secreta que Cristo exerceu sobre ela. Ele a atraiu para Si. Mas ela não sabia disso. Ela não disse para si mesma: 'Agora sinto o poder de Cristo me atraindo, portanto, irei até Ele.' Não, de jeito nenhum. Ela procurou o Salvador porque tinha uma doença sanguínea que nenhum médico havia conseguido curar. Mas ela acreditou que Jesus poderia curá-la. 'Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada!' Mas foi somente depois de ter tocado em Cristo que ela sentiu a virtude, ou poder, que emanava Dele. Perceba que geralmente não sabemos que é o poder de Deus operando em nós que nos

capacita a crer até que creiamos - até que tenhamos nos lançado sobre Cristo.

Mas isso não leva a uma crença fácil? As pessoas dizem com muita facilidade: 'Acredito nas promessas!' É verdade que há quem fale muito sobre fé mas nunca aparentou ter qualquer problema ou luta espiritual com seu pecado. Eu estou pensando, porém, naqueles que têm dificuldade em crer porque viram algo da sua necessidade de Cristo, mas não sabem como chegar até Ele. E o maior problema para essas pessoas é que elas se sentem muito indignas. Portanto, elas tentam tornar-se dignas ou aceitáveis de alguma forma. Mas, é claro, isso nunca funciona. Somente Um é digno e esse é Cristo. Somente Sua obra consumada é a base para aceitação por Deus. A fé, portanto, deve ser direcionada para o que Ele fez pelos pecadores, e não para o que Ele faz nos pecadores por meio do seu Espírito.

Abrace as promessas. Você já fez isso pela graça? Você ainda tem medo da presunção? Mas você já sabe que precisa de Cristo ou então perecerá. Ouça o que Kohlbrugge disse certa vez a esse respeito: "Quando algumas pessoas levantam um dedo de advertência aqui e dizem: 'Tenha cuidado para não pegar o que não te pertence', eu sempre penso: 'Estou perdido de qualquer maneira. Não posso estar mais perdido e condenado do que já estou. Portanto, tomo a Palavra de Deus como se fosse destinada exatamente a mim'.

Para quem são as promessas do evangelho? Hugh Binning diz o seguinte: "Para aqueles que as recebem. Deus enviou Seus servos para pregá-las a você, então o que você deve fazer é estender sua mão para eles e dizer: Amém, Senhor, Amém!"

Cornelis (Neil) Pronk é um pastor emérito das Igrejas Reformadas Livres da América do Norte (FRCNA). Ele serviu em várias das igrejas reformadas livres no Canadá e nos Estados Unidos por 38 anos antes de se aposentar do ministério pastoral em 2006. Em seguida, atuou como ancião de pregação/ensino na Igreja Livre Reformada de Providence, em St. George, Ontário, Canadá, até o final de 2009. Atualmente, ele atua como pregador itinerante nas igrejas vacantes da FRCNA. Ele é autor do livro "Nenhuma Outra Fundação Senão Jesus Cristo", pregou e escreveu Sermões Expositivos sobre os Cânones de Dort, é Professor Visitante de História da Igreja e Teologia Histórica no Seminário Teológico Reformado Puritano em Grand Rapids, MI, e é editor de "The Messenger", o periódico denominacional da FRCNA.

O Batismo e o Pacto

por ***Clarence Bouwman***

As promessas de Deus são incrivelmente ricas. Em vez de ira e inferno há promessa de graça e vida.

Exatamente porque essas promessas são tão ricas, todo cristão, em algum momento, acaba parando para pensar se essas promessas são ou não para ele pessoalmente. Isto pesa ainda mais quando tal cristão se lembra de que a graça de Deus não se aplica a todos os homens - existem tanto os eleitos quanto os réprobos. Então a questão é: ''Como posso saber se sou ou não realmente filho de Deus?" "Como posso ter certeza de que herdarei a vida eterna?"

O Senhor Deus não quer que duvidemos se pertencemos ou não a Ele, e se somos realmente herdeiros de Suas promessas. É para evitar dúvidas que o Senhor concedeu à Sua Igreja o sacramento do Santo Batismo. Por meio deste sacramento o Senhor Deus garante a quem o recebe que é realmente filho de Deus, que realmente tem a

salvação. Neste artigo, desejo demonstrar a veracidade desta tese.

Batismo e Circuncisão

Para entender como o Senhor Deus usa o batismo para o fortalecimento da fé, poderíamos procurar informações no Novo Testamento. O Novo Testamento pareceria uma escolha lógica, porque o batismo não era conhecido como sacramento no Antigo Testamento. Descobriremos, contudo, que o Novo Testamento, embora diga muito sobre o batismo, não nos dá uma compreensão completa deste sacramento. A razão para isso é – e isto também espero demonstrar agora – que o sacramento do batismo, tal como instituído por Cristo, toma o lugar do sacramento da circuncisão do Antigo Testamento. O conteúdo do sacramento do batismo é essencialmente o mesmo conteúdo da circuncisão, com a diferença de que um aguarda a vinda de Cristo, enquanto o outro olha para trás, para um Cristo que já veio. Portanto, é para a circuncisão que devemos nos voltar se quisermos compreender o que é o batismo.

Conteúdo

A partir do Antigo Testamento, vemos que o sacramento da circuncisão data da época de Abraão, Gênesis 17. Chegou um dia em que Deus apareceu a Abraão com a seguinte mensagem: "Farei uma aliança entre mim e ti", (v. 2). Esta mensagem é repetida no versículo 7: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti".

Deus não deixou o conteúdo destas palavras ambíguo a Abraão. Este pacto significava que o Senhor seria "...o seu Deus e da sua descendência" (v. 7). Deus, em outras palavras, diz a Abraão que Ele é o Deus de Abraão, e Abraão é filho de Deus. Esse é o conteúdo do pacto, ou aliança.

As implicações deste conteúdo do pacto podem ser melhor compreendidas quando recordamos que a raça humana, quando caiu em pecado no Paraíso, aliou-se ao maligno. A queda implicou que a humanidade rompeu seu vínculo com Deus e se uniu a Satanás. A lembrança desse fato sublinha o significado deste pacto que Deus faz com Abraão. Pois a partir dele Deus não diz senão isto: por natureza você pertence a Satanás, sim, mas eu reivindico você, Abraão. Eu declaro que você não é mais propriedade de Satanás, mas Minha.

Com isso, a riqueza do pacto ganha destaque. Pertencer a Satanás, como consequência da queda, implica que a ira de um Deus ofendido repousa sobre o traidor, o homem. E se a ira do Deus santo repousa sobre alguém, quem pode escapar dela? As Escrituras registram bem essa realidade: "Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31). No entanto, este Deus ofendido faz um pacto com Abraão e, nesse pacto, Deus reivindica Abraão. Deus emite uma declaração: você é meu, mesmo que você tenha me ofendido, mesmo que você seja pecador. As implicações de tal declaração de Deus só podem ser que Abraão não pertence mais a Satanás, que Deus não está mais irado contra Abraão, que Abraão tem vida. E isso, por sua vez, significa que o conteúdo do pacto implica o perdão dos pecados. O povo do pacto é herdeiro da salvação, herdeiro da vida eterna. Obviamente, então, este pacto fez de Abraão, de longe, o homem mais rico de toda a terra. Antes propriedade de Satanás, agora reivindicado por Deus e tornado propriedade de Deus.

Certeza

Deus não queria que Abraão questionasse se Ele realmente quis dizer o que disse. No entanto, Deus conhecia Seu servo Abraão, sabia que ele era apenas um ser humano fraco e pecador. Levando em conta essa fraqueza de Abraão, Deus graciosamente deu a Abraão um sinal tanto para lembrá-lo do que Ele havia dito quanto para deixar claro que Ele realmente quis dizer o que disse. Falou Deus a Abraão: "Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós." (v. 11)

Lendo sobre este sinal que Deus dá a Abraão, você estaria inclinado a dizer que se alguma vez alguém não precisou de um sinal, esse alguém foi Abraão. Deus falou muito pessoalmente com ele, e depois de uma conversa como essa vinda de Deus, certamente não deveria haver motivo para Abraão questionar se pertencia ou não a Deus. Os próprios ouvidos de Abraão ouviram as palavras de Deus. No entanto, até mesmo a Abraão Deus deu a ordem de se circuncidar como sinal deste pacto!

Embora Deus falasse face a face com Abraão, Ele desejava que Abraão carregasse em seu corpo, até o dia de sua morte, um sinal para lembrá-lo do que Deus lhe havia dito naquele dia específico, um sinal para deixar claro, sem qualquer dúvida, que Deus realmente

fez Seu pacto com aquele pecador. Abraão nunca deveria duvidar disso. A cada dia, ele seria confrontado com a certeza de que pertencia a Deus, tinha vida. Em Sua sabedoria, Deus não considerou as lembranças do que Ele havia dito uma vez ao Seu filho do pacto como garantia suficiente. Em seu próprio corpo, Abraão teve que usar a prova visível de que este pacto era real. O que o Senhor, em Sua bondade, queria evitar era que Abraão tivesse dúvidas sobre a quem ele pertencia, se ele realmente pertencia ao seu fiel Salvador Jesus Cristo, ou se ainda pertencia ao maligno. Por isso a necessidade deste sinal visível, que põe em evidência a realidade falada.

Crianças

Abraão não foi o único a ser circuncidado. Pois Deus não fez Seu pacto somente com Abraão – Deus não adotou para Si apenas um filho – Deus fez Seu pacto também com os filhos que Ele daria a Abraão, com "a tua descendência no decurso das tuas gerações" (v. 7). De fato, "no decurso das tuas gerações" os filhos de Abraão seriam filhos de Deus.

Isso significava para os filhos de Abraão que eles também não deveriam ter dúvidas quanto à sua identidade. Eles pertenciam a Deus e não a Satanás, porque Deus os havia reivindicado como tais. Assim, cada descendente de Abraão poderia apelar para Gênesis 17:7 e dizer: "Vejam, aqui está escrito o que Deus disse certa vez a nosso respeito. Não pertencemos ao Maligno, mas ao Deus Altíssimo, Ele é o nosso Deus". Desta forma, cada um poderia ter a certeza de que tinha o perdão dos pecados e a salvação. Cada um poderia ter essa certeza simplesmente porque Deus havia dito isso certa vez.

Mas, novamente, Deus conhece o coração do homem, e sabia que os filhos de Abraão, insensíveis e enfermos (Art. 35, Confissão Belga) como eram, estariam sempre tendenciosos a questionar se Deus realmente quis dizer a eles o que declarou a Abraão em Gênesis. 17. Por essa razão, Deus ordenou a Abraão que garantisse que todos os seus filhos homens fossem circuncidados como sinal e selo da realidade do pacto. Eles deveriam receber esse sinal assim como Abraão, e deveriam recebê-lo pela mesma razão: até o dia de sua morte, deveriam levar em seus próprios corpos, no decurso das gerações, a marca de que realmente pertenciam a Deus, a certeza de que Deus verdadeiramente os

reivindicara. Pois Deus não pretendia falar com cada filho de Abraão individualmente para assegurar a cada um que realmente pertencia a Deus. Deus falou uma vez com Abraão, e essa declaração foi abrangente - incluía todos os filhos de Abraão. Deus reivindicou a TODOS como Seus; ninguém mais pertencia a Satanás.

Para ser mais específico, isto significava que Isaque – para mencioná-lo a título de exemplo – não tinha permissão de se perguntar se era ou não realmente filho de Deus. Ele não deveria duvidar se a salvação era ou não para ele, se a ira de Deus ainda estava ou não sobre ele. É verdade que ele próprio não recebeu uma revelação especial, uma comunicação especial de Deus de que ele era realmente um herdeiro da salvação, liberto da severa ira de Deus à qual estava sujeito. Não houve voz, nem sonho, nem garantia interior de tal redenção para Isaque pessoalmente. No entanto, ele era filho de Deus e herdeiro da vida eterna, simplesmente porque aquela palavra que Deus havia falado a Abraão não contava apenas para Abraão; contava também para seus descendentes: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência... para ser o teu Deus e da tua descendência."

Isso incluía Isaque. E Isaque carregava em seu próprio corpo, aonde quer que fosse, a lembrança deste pacto - ele era circuncidado. Diariamente ele podia ver esse sinal e, assim, diariamente ele podia se assegurar de que era realmente verdade: Deus havia feito Seu pacto com ele também, ele era um filho de Deus tanto quanto seu pai Abraão. Ele também tinha perdão de pecados e vida eterna - a circuncisão dava testemunho disso.

Dúvida

Mas suponhamos agora que Isaque duvidasse se as promessas de redenção realmente eram para ele, que ele duvidasse mesmo tendo em seu próprio corpo o sinal do pacto. Se Isaque escolhesse não acreditar naquele sinal, estaria implicitamente dizendo que não acreditava em Deus. Se Isaque tivesse dúvidas depois de Deus ter dito à Abraão que estava reivindicando não apenas ele, mas também seus descendentes como Sua possessão, e até mesmo garantido que cada descendente deveria receber o sinal daquela reivindicação, então Isaque estaria, de fato,

questionando a honestidade de Deus. Isso essencialmente significa que Isaque estaria se recusando a aceitar a Palavra de Deus pelo seu valor nominal. Mas isso é o mesmo que sugerir que Deus é mentiroso! Deus havia dito em termos inequívocos que Ele fez Seu pacto com Abraão e sua descendência. Portanto, não há espaço aqui para questionamentos, para dúvidas, a menos que aquele que duvida esteja preparado para dizer que Deus estaria disposto a enganar alguém.

E o que era válido para Isaque como descendente de primeira geração de Abraão também era válido para Esaú e Jacó como descendentes de segunda geração, bem como para Davi e Daniel tantas gerações depois. Eles usavam o sinal da aliança em seus corpos, um sinal claro de que Deus quis dizer exatamente o que havia dito muito tempo atrás ao seu avô Abraão a respeito de seus descendentes, por gerações intermináveis. Pois a realidade do Salmo 105 perdura: "Lembrou-se da sua aliança para sempre, da palavra que mandou a milhares de gerações". O pacto de Deus é para sempre, porque Deus é Deus. Aqueles a quem Deus soberanamente dá o sinal não têm motivos para dúvidas.

Batismo

O Apóstolo Paulo chama o batismo de "a circuncisão de Cristo" (Colossenses 2:11). Isso significa que o conteúdo do sacramento da circuncisão do Antigo Testamento é essencialmente o mesmo conteúdo do seu substituto no Novo Testamento - o batismo.

Em Atos 2, fica claro que o batismo tem, para o Novo Testamento, o mesmo conteúdo que a circuncisão tinha para o Antigo. Ali, Pedro pregou seu Sermão de Pentecostes, a respeito do significado da crucificação e ressurreição de Cristo, e do subsequente derramamento do Espírito Santo. O resultado de sua pregação foi que as pessoas que o ouviam ficaram com o coração partido e se perguntavam o que deveriam fazer (v. 37). A resposta de Pedro foi que elas deveriam se arrepender de seus pecados e crer no Senhor Jesus Cristo como o Salvador enviado por Deus. Com essa ordem de arrependimento vem também um incentivo para o batismo (v. 38).

Poderíamos nos perguntar por que esse público deveria se preocupar em ser batizado. Pedro menciona a base para esta injunção no versículo 39: "Porque

a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe".

Para abordar a questão de qual promessa Pedro se refere aqui, devemos notar que o apóstolo descreve esta promessa como tendo sido feita "a vós e a vossos filhos". A promessa que Deus fez a cada israelita e a seus filhos foi a promessa do pacto, o pacto que Deus fez com Abraão e sua descendência. Porque esse pacto foi feito com todos os descendentes de Abraão ali presentes, Pedro ordena que todo o seu público – após o arrependimento – seja batizado. Pois a circuncisão apontava para o Salvador que estava por vir, portanto, após a vinda do Salvador, o sinal da circuncisão tornou-se extinto. Em seu lugar ficou o batismo, um sinal que aponta para trás, para a cruz. O batismo não incorpora uma nova promessa. Ele contém as mesmas promessas que o sacramento da circuncisão possuía, embora esta promessa venha agora em uma nova dispensação. Assim é que todos com quem Deus faz Seu pacto – os crentes e a sua descendência (Romanos 4) – já não devem ser circuncidados, mas batizados. O conteúdo dos dois sacramentos é o mesmo.

Catecismo de Heidelberg

O Catecismo de Heidelberg apoia a tese de que o batismo como sinal do pacto é a prova para os cristãos de que o Senhor realmente nos fez Seus filhos. Nós temos salvação. Penso no Dia do Senhor 26: "Como o santo batismo lhe faz saber e lhe assegura que o único sacrifício de Cristo na cruz lhe beneficia?" A resposta afirma que podemos ter certeza sobre os benefícios do batismo simplesmente porque o sinal do batismo nos foi dado, e o sinal não é vazio porque Deus não mente.

Nesse sinal, Deus dá a promessa de que o sangue e o Espírito de Cristo lavarão os nossos pecados. Não é nem uma promessa da qual não se possa ter certeza, nem um talvez. Não, a promessa é definitiva, porque Deus é Deus. Os pecados são lavados, no presente. Uau! O destinatário do sacramento tem o benefício que vem do sacrifício de Cristo na cruz. Hoje, este é um filho de Deus. É também por isso que "os pais tementes a Deus não devem duvidar da eleição e salvação dos seus filhos, a quem Deus chama desta vida ainda em sua infância (Cânones de Dort, I, 17).

Pode parecer bom, pode parecer bom demais para ser verdade (e isso é basicamente inquestionável!), mas mesmo assim esse é o conteúdo da promessa do pacto.

Riqueza

Toda essa riqueza é tão maravilhosa. É quase riqueza demais para acreditar. No entanto, é isso que o Senhor diz em Sua Palavra. E se Deus diz isso, não podemos duvidar. Deus não nos engana.

O batismo é o sinal e selo de Deus de que Ele salva os destinatários do poder do diabo. Cada um pertence a Deus e não a Satanás, cada um tem o perdão dos pecados e a vida eterna, cada um tem um Pai que cuida dele dia após dia. O batismo não simboliza um sonho encantador, um pensamento agradável. O batismo significa, antes, uma realidade indescritivelmente rica.

É sem dúvida porque o batismo é tão incrivelmente rico que o maligno faz tudo o que pode para espalhar distorções sobre este sacramento. Como pessoas da igreja, leitores desta revista, somos todos batizados, tanto os mais velhos como os mais jovens. Isso significa que podemos aplicar a nós mesmos tudo o que está escrito acima. No batismo, cada um de nós recebe a garantia de ninguém menos que o próprio Deus, de que Ele nos salvou do poder do diabo. No batismo, o Deus Todo-Poderoso diz a cada um de nós individualmente: você não é propriedade de Satanás; você é Minha possessão. E sabemos que Deus não é homem para que minta. Portanto, não há razão para questionarmos se temos ou não salvação. Deus nos disse claramente.

Sem passeio grátis

Mas isso não significa que todos os que são batizados são agora livres para agir como quiserem, sob o pretexto de que, de qualquer maneira, serão salvos. As Escrituras deixam bem claro que um pacto tem dois lados.

O pacto começa estipulando uma realidade baseada no decreto de Deus: não Satanás, mas Deus é nosso Pai. Uma vez estabelecido esse pacto, tanto uma promessa quanto uma exigência entram em cena. A promessa é que Deus continuará a manter-nos como Seus filhos, com todos os benefícios e privilégios que acompanham essa posição. No entanto, esta promessa não é uma promessa geral, algo incondicional. Pois Deus acrescentou também uma

exigência. Deus decretou que Sua promessa de fidelidade contínua deveria depender da atitude do povo do pacto em relação ao próprio pacto.

A exigência que o Senhor amarrou ao pacto não era outra, senão que Seu povo cresse que Deus realmente os reivindicou, que os libertou do poder do diabo. Se eles cressem nisso, se cressem que o conteúdo do seu batismo era um fato – eles realmente eram filhos de Deus – ora, então os benefícios de serem filhos de Deus seriam derramados sobre eles também. A promessa se tornaria realidade. Por outro lado, se eles se recusassem a acreditar na realidade enunciada no sacramento, então os benefícios destas promessas não viriam para eles e o pacto não os beneficiaria.

A existência deste pacto dá ao povo de Deus, então, a responsabilidade de acreditar nas promessas inerentes ao próprio pacto. Só existe alguém que pode impedir que um filho do pacto receba as bênçãos do pacto, e esse alguém é ele mesmo. Cada um deve escolher: "Eu creio no que Deus disse ou creio que Deus me enganou?" Esta é a pergunta que a realidade do nosso batismo coloca diante de cada um de nós. Portanto, somos NÓS que temos que trabalhar com a realidade do pacto para receber os benefícios que nele são prometidos. Esse é o mandato que está implícito no sacramento do batismo: crer no que Deus fez.

Conclusão

Pode ser difícil acreditar nas riquezas desse pacto feito com os crentes e sua descendência. Deus não nos faria duvidar. Por essa razão, Ele deu o sinal do batismo, para nos dizer que somos Seus, para nos assegurar que temos o perdão dos pecados e a vida. A água secou da minha testa anos atrás, mas posso tirar do armário aquele certificado, devidamente assinado e reconhecido por Ottawa, afirmando que sim, eu realmente sou batizado, Deus realmente fez Seu pacto comigo.

Posso duvidar de que Deus é MEU Deus, de que pertenço a Ele e não a Satanás e, portanto, tenho salvação? Não posso, porque DEUS NÃO MENTE.

Clarence Bouwman é Mestre em Divindade pelo Seminário Teológico Reformado Canadense. Ele serviu em congregações nas Igrejas Reformadas Canadenses e nas Igrejas Reformadas Livres da Austrália. Ele é o autor de "Ordem Espiritual para a Igreja" (2000), "As Riquezas Transbordantes do Meu Deus" (2008), "Um Voto de Amor" (2008) e "O Privilégio de Ser Pai" (2011).

Uma aliança para gerações

por ***Eric Kampen***

Regeneração

Em sua conversa com Nicodemos, o Senhor Jesus ensinou que "se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Um pouco mais adiante ele descreveu este novo nascimento como sendo "nascer do Espírito" (v. 8). Este novo nascimento também é descrito por termos tais como conversão, nova criação, ressurreição dos mortos, vivificação e regeneração (ver CD III/IV 12; CH, DS 3, P. 8). A Forma para o Batismo também se refere a ele e indica que esta necessidade de nascer de novo é simbolizada no batismo, pois "evidencia a impureza de nossas almas, para que possamos nos odiar, humilhar-nos diante de Deus e buscar nossa purificação e salvação fora de nós mesmos."

Embora nas Escrituras aprendamos sobre a necessidade deste novo nascimento e sobre como este novo nascimento é obra do Espírito por meio da pregação do evangelho, também aprendemos que o Espírito tem prazer

em operar a regeneração dentro do contexto das gerações. Em outras palavras, Deus tem prazer em trabalhar através das famílias.

Isto é algo que merece alguma reflexão, pois explica muito sobre a nossa piedade reformada. Esta reflexão deve nos levar a uma renovada apreciação dessa piedade, bem como a um compromisso renovado baseado não em costumes, mas no entendimento. Também nos permitirá explicar-nos não apenas ao mundo, mas também a outros que confessam a Cristo, mas o fazem com o que é frequentemente descrito como uma mentalidade evangélica.

Na nossa reflexão consideraremos primeiro a ligação bíblica entre a regeneração e as gerações. Em seguida, consideraremos as várias implicações deste fato.

Gerações

Gênesis 17 é um texto fundamental para nos ajudar a enxergar como Deus trabalha por meio das famílias. Neste capítulo lemos como o Senhor estabeleceu seu pacto com Abraão. Especificamente, lemos no versículo 7: "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência".

Esta promessa foi reforçada pela instrução de colocar o sinal do pacto, a saber, a circuncisão, em todos os meninos quando tivessem apenas oito dias de idade.

A profundidade com que esta obra de Deus através das gerações foi enraizada nos corações do Seu povo aparece nos Salmos. Por exemplo, no Salmo 103, escrito cerca de mil anos após o estabelecimento do pacto do Senhor com Abraão, lemos: "Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça, sobre os filhos dos filhos, para com os que guardam a sua aliança e para com os que se lembram dos seus preceitos e os cumprem" (vs. 17, 18). Encontramos pensamentos semelhantes no Salmo 105: "Lembra-se perpetuamente da sua aliança, da palavra que empenhou para mil gerações; da aliança que fez com Abraão" (vs. 8, 9).

O fato de o Senhor ter trabalhado através das gerações também apareceu nos mandamentos relativos ao casamento e à criação dos filhos. Em Deuteronômio 7 lemos a ordem proibindo o

casamento misto com o povo de Canaã: "pois elas fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses" (v. 4). Isto encontra eco nas palavras de Malaquias 2:15. O contexto é sobre os sacerdotes que quebraram os votos matrimoniais ao se divorciarem das esposas. O Senhor ficou irado com isso porque Ele desejava uma "descendência piedosa".

Quanto à criação dos filhos, em Deuteronômio 6 lemos a instrução para imprimir os mandamentos nos filhos. Isto encontra eco no Salmo 78, onde os pais são instruídos a ensinar a próxima geração sobre os grandes feitos do Senhor e Suas leis para que possam conhecê-Lo e temê-Lo. Neste contexto, podemos também pensar no segundo mandamento, no que se refere à forma de adoração. O Senhor advertiu os pais que se eles se desviassem de seus caminhos, Ele puniria os pecados dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração.

Esta ênfase nas gerações continua no Novo Testamento. Em 1 Coríntios 7:14 Paulo fala sobre como os filhos nascidos em um casamento em que apenas um dos pais se tornou crente são santos. Mais tarde, naquele mesmo capítulo, repleto de instruções sobre o casamento, ele diz às mulheres solteiras que desejam se casar que são livres para fazê-lo, mas que o marido em potencial "deve pertencer ao Senhor" (v. 39). Quanto à criação dos filhos, Paulo diz aos pais para "criá-los na disciplina e na admoestação do Senhor" (Efésios 6:4).

O ensino inconfundível encontrado nas Escrituras é que Deus trabalha através das gerações. A este respeito, é surpreendente que o mesmo tipo de linguagem continue a ser ouvido no contexto do Novo Testamento, onde os gentios estavam sendo enxertados em Israel. Ao mesmo tempo, devemos compreender que trabalhar através das gerações não significa que as crianças sejam regeneradas automaticamente. Existem muitos exemplos de crianças que viraram as costas a Deus. Pensamos em Esaú, e no exílio dos tempos do Antigo Testamento. Mencionando mais uma vez o Salmo 78, podemos ler ali sobre a importância da instrução dos pais para que os filhos conheçam e amem o Senhor. A falta de instrução terá consequências tristes para a próxima geração. Tudo isto não elimina o fato de que Deus trabalha através das famílias. As famílias são os berçários

fundamentais da fé, pois no contexto das famílias as crianças aprendem sobre o Senhor seu Deus e são chamadas a crer em Suas promessas.

Implicações

Quando a relação entre regeneração e as gerações fica clara, não é difícil ver as implicações disso. Listaremos primeiro as mais óbvias, então, passaremos às implicações que podem ser logicamente deduzidas.

Primeiro, há a implicação para os nossos jovens na sua procura de um cônjuge. Sendo a família o berçário da fé, é importante que tanto o pai como a mãe pertençam ao Senhor. De que outra forma eles poderiam produzir descendentes piedosos? Numa época em que a aparência é tudo, é difícil trabalhar com base no princípio de que "a fé está em primeiro lugar" quando se trata de casamento. Quando a fé estiver em primeiro lugar, então ficará claro que simplesmente ser membro da igreja não é suficiente. É necessário procurar alguém que demonstre uma fé viva e um amor verdadeiro ao Senhor. Quando a fé fica em primeiro lugar, às vezes pode acontecer que alguém encontre uma pessoa que não seja da mesma igreja, mas que seja um crente genuíno. Neste caso, não podemos proibir este relacionamento apelando para a forma como o Senhor proibiu os israelitas de se casarem com os cananeus. O compromisso com o Senhor, porém, deve estar sempre em primeiro lugar e ser muito evidente.

Em segundo lugar, podemos ver as implicações para a parentalidade. A regeneração não é transmitida geneticamente. Ela é e sempre será obra exclusiva do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, o Espírito soberano faz com que os filhos nasçam em famílias cristãs e mobiliza os pais para educarem estes filhos na fé. A parentalidade cristã é um chamado santo e glorioso, mas também muito sério.

Relacionado à parentalidade está a educação. A educação tem como objetivo preparar as crianças para uma vida significativa no mundo, adquirindo as ferramentas necessárias para cumprir o mandato criacional. É de esperar que os pais cristãos queiram que os seus filhos façam seu trabalho de forma que o Senhor e a Sua revelação sejam honrados. É desejável que as crianças aprendam a enxergar a vida como filhos de Deus. Esta é a motivação por trás de

tanto gasto de dinheiro e energia em educação cristã.

Em terceiro lugar, há implicações para a adoração. O segundo mandamento vem à mente. A fidelidade - ou a falta dela - por parte dos pais terá tremendas consequências positivas ou negativas para os seus filhos. A este respeito, a escolha da igreja entra em cena.

Relacionado a isso está a maneira como uma família participa do culto em família e passa o domingo em família. O culto não é apenas uma reunião de indivíduos para adorar, mas de famílias comprometidas com o Senhor. Perdemos algo deste compromisso quando os pais se sentam sozinhos enquanto as crianças se sentam com outras crianças, com as tentações e distrações que as acompanham. Além disso, perdemos algo deste compromisso quando a família não consegue se reunir aos domingos porque cada um está em uma atividade diferente.

Em quarto lugar, há implicações para o evangelismo. Existem inúmeros programas voltados para as crianças. Quantos programas são direcionados aos pais? Talvez mais especificamente, quantos visam os pais (os homens) enquanto chefes de família? Onde os pais são colocados sob a influência do evangelho, os filhos seguirão o exemplo na medida em que crescem em um berçário do Espírito.

Embora possa haver esperança de que o que as crianças aprendem repercuta nos pais, não é assim que as coisas devem funcionar. A este respeito, o trabalho missionário sobre o qual lemos no Novo Testamento parece sempre ter sido orientado para adultos. Além disso, se analisarmos a história das missões, parece que muitas vezes o avanço do evangelho se iniciou após certo número de famílias ter sido alcançado. Em seguida a este avanço, a igreja continuou crescendo especialmente a partir dessas famílias.

Quando consideramos todos estes aspectos, deve ficar claro que dizer que Deus trabalha por meio das gerações não implica que presumimos a regeneração dos filhos. A regeneração é sempre uma obra soberana do Espírito. Da mesma forma, o Espírito tem claramente prazer em trabalhar por meio das gerações para realizar a Sua obra de regeneração. No fim, é honra e responsabilidade dos pais trabalhar com todas as implicações.

O Reavivamento do Pacto

por ***Rob A. Schouten***

Muitos cristãos hoje em dia têm a sensação de que as coisas na Igreja não são como deveriam ser. Por mais que tentem, esses crentes não conseguem suprimir o sentimento assustador de que algo deu errado. Os sintomas incluem uma incapacidade geral nas igrejas de articular as características básicas da religião reformada e um colapso geral de um estilo de vida reformado outrora comumente endossado. Não são poucos os membros que experimentam uma infeliz sensação de desvio espiritual, moral e eclesiástico. Antigas certezas parecem estar cedendo a confusões inovadoras. Muitas peças de mobília mental testadas pelo tempo e supostamente desgastadas estão sendo transportadas para os antiquários da mente.

Muitas questões se levantam nestes tempos de mudanças emergentes. Em que devemos crer? Como devemos viver? Como devemos prosseguir deste ponto em diante? Como podemos manter nossa identidade como povo de Deus? Diante do que alguns até se aventuram a descrever como "des-reforma", pedem-se soluções. Como as igrejas podem encontrar renovação? Qual é o caminho para um reavivamento da religião genuína?

Às vezes, as respostas a perguntas como essas parecem concentrar-se inteiramente na estratégia e na técnica. De acordo com pensadores desta linha, o atual mal-estar pode ser atribuído a um fracasso do pensamento estratégico. A perda de visão deve-se à inépcia da igreja em divulgar a mensagem do Evangelho numa forma e estilo apropriados a esta época. Advogam serem necessários novos métodos de embalagem e apresentação do Evangelho. Também nos afirmam que as pessoas não conseguem se identificar com as antigas formas de adorar a Deus - que elas precisam de algo novo e diferente.

Naturalmente, todos os esforços para levar a verdade aos corações e mentes dos membros da igreja devem ser aplaudidos. Ainda assim, pode-se perguntar se a ênfase na técnica e na estratégia é apropriada. Os alegados problemas na igreja são devidos a fraquezas de método ou à condição do coração do povo de Deus? Podemos atribuir a perda de zelo simplesmente à má técnica? Quando a pregação dos profetas nos dias do Antigo Testamento muitas vezes não trazia arrependimento, seria esta razão para concluir que as suas estratégias eram ineficientes e que um novo método se fazia necessário? Um

baixo nível de vida espiritual e moral não conduz necessariamente a uma crítica do método. Em vez disso, pode levar a uma intensificada crítica pactual ao povo de Deus!

Talvez a nossa busca por respostas a algumas questões atuais possa encontrar correta orientação se olharmos para os padrões bíblicos de renovação pactual. A renovação pactual é um tema constante nas Escrituras. Repetidamente vemos padrões de "des-reforma" seguidos por um chamado divino a um novo compromisso que, se for atendido, levará à renovação, mas, se não for atendido, levará ao julgamento pactual. Vamos dar uma olhada mais de perto em alguns aspectos da renovação pactual nas Escrituras.

Veja o que Deus já fez!

Exemplos de renovação pactual nas Escrituras incluem os eventos descritos em passagens como Êxodo 19:3-8, o livro inteiro, bem como passagens específicas, de Deuteronômio (como, por exemplo, Deuteronômio 26:5-11), Josué 8:30-35, Josué 24, 1 Reis 18 e 2 Reis 22-23.

Se tomarmos Êxodo 19:3-8 como nosso primeiro exemplo, encontraremos Israel no Monte Sinai – conduzido para lá pela poderosa mão de Deus. O que acontece no Sinai é o início de uma nova fase da obra divina de salvação. Quando Moisés fala ao povo, ele diz em nome do Senhor: "Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim".

A ênfase nesta mensagem está no que Deus já fez pelo Seu povo. Deus tirou o Seu povo do Egito, mostrou-lhes poderosos sinais e maravilhas, afogou o Faraó e o seu exército no Mar Vermelho e trouxe o Seu povo Israel ao Sinai! Da mesma forma, no capítulo 20, versículo 2, no preâmbulo da Lei, Deus declara: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão". Mais uma vez, a ênfase está na iniciativa da graça de Deus. A Lei é colocada no contexto da graça e é em si um dom da graça.

Se nos voltarmos agora para o livro de Deuteronômio, descobriremos que ele consiste em uma série de mensagens entregues por Moisés a Israel nas planícies de Moabe, pouco antes da morte de Moisés e da entrada de Israel em Canaã. Todo o livro mostra uma estrutura pactual clara. É um documento de renovação pactual. Começa com um

resumo longo e detalhado das ações redentoras de Deus no passado (capítulos 1-4). Somente depois de detalhar o que Deus já fez por Israel, o livro continua com um apelo urgente de fidelidade ao Senhor. Mais uma vez, a implicação é que a renovação do pacto começa focando corações e mentes naquilo que Deus já fez pelo Seu povo.

Exemplos específicos no livro de Deuteronômio confirmam esta direção. O capítulo onze contém uma exortação final de Moisés. Ele começa detalhando novamente os grandes feitos redentores realizados por Deus no meio de Seu povo. O que o Senhor fez no Egito, como Ele libertou o povo através do Mar Vermelho, como Ele mostrou julgamento nas mortes de Datã e Abirão - tudo isso é resumido quando Moisés diz: "os vossos olhos são os que viram todas as grandes obras que fez o Senhor." (v. 7). Somente após este resumo das ações redentoras de Deus, Moisés continua com as palavras: "Portanto, guardai todos os mandamentos que hoje te ordeno".

Em outras palavras, a obediência de Israel é uma resposta baseada naquilo que Deus já fez! Em Deuteronômio, Moisés costuma usar frases como "E agora, Israel" ou "Agora, pois" ou "Portanto". Esta é a linguagem pactual. Depois de resumir os atos de Deus, o autor chega à sua aplicação: agora, pois, portanto... viva em obediência diante de Deus (para um padrão semelhante, veja Deuteronômio 6:20-24).

Para um exemplo um pouco diferente, podemos recorrer a Deuteronômio 26, onde encontramos algumas regras sobre o dízimo em Israel. Quando um judeu desejava trazer seu dízimo ao Senhor, ele tinha primeiro que recitar um comovente Credo do Antigo Testamento. Poderíamos pensar neste Credo como um Credo dos Apóstolos do Antigo Testamento. Isto é o que o adorador tinha a dizer:

"Arameu prestes a perecer foi meu pai, e desceu para o Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser nação grande, forte e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram, e afligiram, e nos impuseram dura servidão. Clamamos ao Senhor, Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz e atentou para a nossa angústia, para o nosso trabalho e para a nossa opressão; e o Senhor nos tirou do Egito com poderosa mão, e com braço estendido, e com grande espanto, e com

sinais, e com milagres; e nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel. Eis que, agora, trago as primícias dos frutos da terra que tu, ó Senhor, me deste." (Deuteronômio 26:5-10)

Mais uma vez vemos o padrão: a resposta humana de gratidão deve ser baseada nos grandes atos da graça de Deus.

Nos famosos acontecimentos de Josué 24, encontramos um estilo semelhante. Este capítulo consiste no último discurso de Josué a Israel – uma forma abreviada do discurso de Moisés para a geração anterior (o livro Deuteronômio). Nos versículos 1-13, Josué relata pela primeira vez os feitos surpreendentes do Senhor. O que encontramos nesta parte do seu discurso é puro Evangelho! Somos lembrados por Josué que Deus é o Deus da graça redentora, o Deus que liberta Seu povo e os torna verdadeiramente livres. Após esta extensa revisão dos atos de Deus, encontramos aquela expressão já familiar: "agora, pois". Sim, "Agora, pois, temei ao Senhor e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao Senhor."

A história pactual do Novo Testamento, embora mais curta que a história do Antigo Testamento, é muito mais poderosa. Como crentes do Novo Testamento, temos um Credo mais rico e profundo no qual confessamos as ações de Deus em Cristo Jesus para vencer o pecado, a morte e o diabo e para estabelecer Seu próprio Reino eterno. Também como crentes do Novo Testamento, devemos lembrar o que Deus já fez por nós. Afinal, Deus é Yahweh, EU SOU O QUE SOU, o Deus que tem trabalhado dinamicamente para resgatar Seu povo.

Assim, o padrão que emerge da Bíblia é que a renovação pactual começa focando nossos corações e mentes naquilo que o Senhor já fez por nós! A renovação pactual envolve lembrar os grandes feitos do Senhor. Poderíamos dizer que a renovação pactual envolve sempre um re-despertar confessional. Pois a confissão da fé é um resumo das grandes obras de Deus em Cristo. Ao nos concentrarmos nos grandes atos de Deus resumidos no nosso Credo e elaborados nas confissões, colocamos o SENHOR de volta no centro. No nosso ato de confessar, percebemos novamente que Deus fez tudo, que Ele é um Deus ativo que há muito tempo está ocupado com nossa salvação. A renovação não

pode acontecer se não conhecermos e amarmos a obra de Deus resumida no Credo! Pode-se perguntar: ainda nos impressionamos com Yahweh em ação, Pai, Filho e Espírito ocupados por nós, como resume o Credo?

O que Deus requer

Como já mencionado, os episódios de renovação pactual nas Escrituras envolveram uma recapitulação da história pactual seguida pela palavra inevitável, "portanto" ou "agora, pois". O raciocínio da renovação pactual é o seguinte: "Israel, visto que Deus fez tanto por você, agora, creia Nele e ande em Seus caminhos". O "agora, pois" da religião bíblica é baseado nos atos de Deus. Com base nas Suas ações salvadoras já reveladas, o SENHOR exige respeito, amor e obediência.

A resposta pactual central buscada por Deus é a lealdade. Ele se revela ao Seu povo como Deus e Rei redentor. Nos eventos de renovação pactual, o Senhor insiste com o Seu povo sobre seu dever de fazer uma escolha clara! Por exemplo, após uma descrição dos grandes feitos do Senhor, Moisés diz: Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal... Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência". (Deuteronômio 30:15, 19)

A partir deste exemplo, podemos ver que os episódios de renovação pactual forçam a questão. O objetivo destes episódios era restaurar a integridade do povo de Deus. O objetivo era superar a atitude de pretensa neutralidade. Repetidamente, observamos que o povo de Deus quis servir ao Senhor e, juntamente, aos Baalins; ao Senhor e, juntamente, ao mundo. Mas os eventos de renovação pactual sempre deixaram claro que tal duplicidade não poderia ser mantida. O que o Senhor requer de Seu povo é lealdade e fidelidade indivisas.

Na renovação pactual, Deus mostra como Ele faz tudo por nós e agora requer tudo de nós. Sim, Deus quer ser tudo para nós! Ao descrever Seus grandes feitos para nós, o Senhor reivindica toda a nossa existência. Visto que somos criados pelo Pai, redimidos pelo Filho e santificados pelo Espírito, toda a nossa existência pertence a Ele! O que Ele deseja é um vínculo de amor ardente. Seu objetivo é uma comunhão pactual de zelo inflamado,

um povo do pacto com paixão por seu Rei. O Senhor não está preparado para ficar de braços cruzados enquanto Seu povo tenta sobreviver com uma devoção parcial e sem convicção. Esse tipo de devoção equivale à idolatria e viver tal vida resultará em julgamento pactual. De fato, temos apenas duas opções: renovação pactual ou ira pactual. O Deus que tudo dá e tudo faz não se permitirá ser tratado como um Deus de bastidores, chamado à cena apenas quando todo o resto falha.

Rev. Rob Schouten é ministro da palavra na igreja Reformada de Aldergrove no Canadá.